

METRÔ SP - FORÇANDO PASSAGEM

O espetáculo não durou senão 9 segundos, 7 décimos e 525 milésimos, de acordo com as rigorosíssimas medições dos peritos. Mas foi o suficiente. A praça da Sé, no centro de São Paulo, ganhou um cenário inédito. O metrô garantiu alguns metros a mais para sua avançada subterrânea. O paulistano teve um inesperado programa para seu habitualmente desolado fim de semana. E, enfim, a língua portuguesa se enriqueceu com um neologismo fadado a brilhante carreira – “implosão”.

Pois foi uma “implosão” – e não uma mera explosão, como se poderia supor – que, num espaço de tempo correspondente ao de dez batidas do coração realizou a proeza de botar abaixo um prédio de 27 andares, sem contar o térreo e dois subsolos, na manhã ensolarada de domingo, dia 16. E, tão surpreendente como a rapidez, foi a circunstância de que os 412 quilos de dinamite empregados na demolição cumpriram sua missão quebrando apenas algumas vidraças dos prédios vizinhos – mas deixando incólume a solene Catedral da Sé, por cujos vitrais seu sacristão passara toda a noite anterior em vigília e oração.

Implosão ou explosão, o certo é que o processo utilizado pelos americanos Jack Loiseaux e seus dois filhos, Douglas e Mark, acabou sendo um sucesso em todos os sentidos. A começar pelo aspecto meramente econômico, que, aliás, foi o que obrigara a Companhia do Metrô de São Paulo a contratar sua empresa, a Controlled Demolition Incorporated. De fato, a demolição dos 11.597 metros quadrados do Edifício Mendes Caldeira pelo método convencional custaria à Companhia pelo menos 4 milhões de cruzeiros e nove meses de trabalho – sem contar os 30 milhões de cruzeiros já dispendidos para a desapropriação do prédio. Pelo método dos Loiseaux, as despesas ficarão em 2,7 milhões de cruzeiros – e, em apenas trinta dias, todo o entulho deixado pela explosão já teria sido removido.

Nova Paisagem – É verdade que nem sempre a realidade confirma as previsões. Já na segunda-feira da semana passada, percebeu-se que as escavadeiras encarregadas de remexer a montanha de 15 metros de altura e 10.000 metros cúbicos de escombros teriam mais dificuldades do que se poderia esperar, já que as ferragens prenderam o concreto.

Em vez de recolher 180 metros cúbicos diários, as máquinas não conseguiram senão 45. o que prolongaria por dói ou três meses, paradoxalmente, um trabalho cujo desafio maior, a própria demolição, não exigira senão 9 segundos.

Ainda assim, o presidente da Companhia do Metrô, Plínio Assmann, manifestava, no fim da semana, sua certeza de que as obras da estação subterrânea da Sé, junção das linhas norte – sul (já concluída) e leste – oeste (em construção), estarão terminadas dentro do prazo – ou seja, até dezembro de 1977.

Na mesma data, a velha praça da Sé, hoje sitiada por construções cinzentas e pesadas, terá sofrido uma magnífica metamorfose – segundo garantiu, por sua vez, o prefeito Olavo Setúbal. A transformação será operada basicamente por um ambicioso projeto de ajardinamento e urbanização, de autoria do paisagista Roberto Burle Marx.

Possivelmente, a revolução paisagística exigirá novas demolições – sobretudo na rua Felipe de Oliveira, defronte à catedral, segundo já advertiram técnicos da Prefeitura e da Companhia do Metrô. Ali, estão condenados sete prédios, dois dos quais com doze andares.

E, se depender da expectativa da população paulistana e até mesmo do prefeito Setúbal, que assistiu à implosão de domingo e a saudou com entusiasmo, a família Loiseaux terá novamente de entrar em ação.

Crédito: Revista *Veja*/Editora Abril

Fonte: Revista *Veja*, edição 377, 26 nov. 1975, p.54